

sofia_mar@portugalmail.pt

I n s t i t u t i o n

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
Rua do Campo Alegre, 1021-1055 - 4169-004 Porto - Portugal
Telf. 226079700 Fax. 226079725

Axe B : Sociabilités, institutions, engagements : les jeunes dans la société.

Atelier B3: Jeunes et institutions: encadrement, dialogue, malentendu?

Titre de la communication

Chercher les pulsions énigmatiques: les jeunes veulent vivre l'école d'autre façon

Résumé

Avec cette communication nous voulons rendre compte de quelques formes énigmatiques de vivre et de revendiquer l'école. Nous voulons comprendre comme cette école de nos jours se confronte avec des nouvelles configurations de sociabilités entre les jeunes; avec l'émergence de différentes manifestations de Soi. Nous nous intéressons pour problématiser la forme dont les jeunes vivent l'école ayant comme support une association d'étudiants. Dans une époque où quelque uns des systèmes d'identification paraissent échouer, quel est le type d'identification qui réalisent les jeunes avec l'école pour la proximité avec une association? Quelle sens symbolique a cette forme de participation? Nous nous intéressons de discuter, ici, le sens de l'associativité, tant que projet social pour la citoyenneté.

C o m u n i c a t i o n

Esta comunicação surge a partir de uma investigação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação com especialização em Educação, Mudança Social e Desenvolvimento Local (2001-2003). Esta investigação realiza-se numa

escola secundária e numa EB23 da cidade do Porto, em Portugal, e tem como principal interesse compreender as figuras e as configurações da Estranheza, enquanto irrupção da irregularidade e da perturbação no tempo do quotidiano da Escola.

Assistimos hoje a uma reinvenção e reconceptualização do local, a um reequacionamento do seu valor simbólico, trágico, de excesso. O local, enquanto espaço de linguagens e de agregação, torna mais explícita a relação com o Outro, implicando também a sua reinvenção, a reafirmação de outras propriedades. São outros os seres, outras as figuras que o local engenha e que vão perturbar a Escola pela sua estranheza. Interessa-nos compreender como é que a Escola existe num registo de intocabilidade perante essa estranheza, perante estes Estranhos incomparáveis que a frequentam e constituem. Pressentimos que a Escola da *razão* sobrevive na resistência ao conhecimento dos Outros, estipulando o pertencimento e o não pertencimento. Como é que a Escola se esforça por tornar o Estranho familiar, por tornar o Outro «coisa nossa» (Ardoino, 1969: 56)? Que fechamentos ou que aberturas é que podemos encontrar na Escola ao Estranho que é, em última análise, o *novo*?

Neste estudo, interessa reconhecer diferentes tipos de conjuntos coerentes de sentido que os sujeitos intersubjectivamente colocam em comum e que produzem, sobre a sua existência social, na sua prática quotidiana (Habermas, 1984: 32). Interessa-nos compreender como os actores produzem os seus mundos de sentido, bem como as regras que engendram o seu julgamento (Alain Coulon citado por Haguette: s/d: 1). Aproximamo-nos da etnometodologia na medida em que nos interessa analisar os raciocínios práticos, as referências cognitivas ao social de jovens, bem como as suas práticas discursivas. Acentua os processos de interpretação, sempre em actualização, através dos quais os actores dão um sentido às exigências sociais no próprio decurso da acção (Boltansky, Chiapello, 1999: 224). Queremos, assim, perceber quais as estruturas argumentativas de justificação actualizadas que os e as jovens constróem sobre sobre si na escola. Que cosmologia de interpretações é que os jovens elaboram sobre a sua participação no mundo da escola?

Neste lugar queremos dar conta de algumas das formas enigmáticas de experimentar e reivindicar a Escola. Interessa-nos aqui, em particular, equacionar a maneira como os jovens e as jovens experimentam a Escola a

partir da pertença a uma associação de estudantes. Numa época de individualismo e conflitualidade endémica que afectam o modelo societal (Matos, 1998: 1); numa época em que parecem falhar alguns sistemas de identificação, que tipo de identificação espacio-temporal se realiza com a Escola a partir da pertença a uma associação? Que significado simbólico tem esta forma de participação? Interessa-nos explorar aqui o sentido do associativismo enquanto projecto social para a *cidade*, que sobrevive nas persistências da participação e da promoção de uma «cidadania de proximidade», que entretece os interiores das sociabilidades com a fruição dos direitos individuais (Correia, 2001: 5).

A associação como forma de participar na *cidade* é um território de argumentação, de replicação e de investimento subjectivo, mas também da criação de intersubjectividades. O espaço da associação pode constituir-se como um espaço de afirmação identitária onde constam e se desarmonizam também as paixões e as aspirações. A associação aparece como a oportunidade do vínculo, de «engagement» (Dubar, 2000). Existe a consciência de que se faz algo de diferente, de que se participa de uma outra instância, de que de outras pulsões se vive a possibilidade da Escola. Se é ao encontro das enigmáticas pulsões que queremos ir, temos que questionar quer a quietude da Escola perante as formas enigmáticas, quer a sua indiscutibilidade no âmbito da realidade educativa portuguesa da actualidade. Interessa-nos perceber como é que a escola reage às novas figurações das sociabilidades juvenis, às diferentes manifestações de si dos jovens e das jovens em contexto escolar. É que certas configurações que a juventude assume continuam ainda estranhas à ordem cognitiva da escola.

Se a escola parece ser um espaço onde o novo não acontece, é por entre as rotinas que percebemos a significatividade que a escola ainda pode ter enquanto tempo de sociabilidades e práticas entre os jovens, enquanto tempo de produção de subjectividades e intersubjectividades. Os jovens desfilam em momentos distintos, nos distintos lugares da escola que se podem revelar contextos de tensões, entre a emancipação e a regulação, o controle e a agência (Gordon, Holland, Lahelma, 2000: 187). O processo de participação de jovens numa associação de estudantes pode revelar-se um contexto de agência bastante importante.

Este interesse na participação de jovens estudantes em associações estudantis é um pretexto para pensar a diferente condição de cidadãos que a Escola produz. Mas a Escola tanto pode ser o espaço da irremeabilidade como o espaço do inconformismo e da recusa, da resistência. E indagamos o enigma que é a Escola enquanto possibilidade, encerrando ainda maneiras sinuosas e subterrâneas de possibilitar formas de cidadania, ainda que fragmentada, ainda que feita de interrupções. O que escapa, afinal, à regulação? Como é que as políticas educativas têm assumidos os espaços da Escola que possibilitam a agência, a negociação e a resistência? O que está esgotado em termos de educação? Como podemos encarar a ideia do *novo* em educação quando as mudanças que notamos são o fantasma do *novo*, que apenas existe na medida em que existe um elaborado trabalho discursivo «de despolitização da questão educativa e de dissimulação dos pressupostos políticos e das concepções de sociedade e de educação a que eles se vinculam» (Correia, 1999: 110)? Como é que a Escola se constitui enquanto espaço de cidadania? Como é que podemos pensar uma cidadania a partir da Escola, uma cidadania que vá para além da utilidade do conceito? Pensamos que existem formas de cidadania que se contróem em momentos de transgressão do tempo-espaço da Escola. Pensamos que outras realidades são construídas pelos jovens e pelas jovens transversalmente à Escola (Lapassade, 1999: 48).

Existe sempre a ânsia de querer fazer um texto igual às pessoas com quem se conversa, exprimindo os momentos que são depois, porque os momentos-presente são experimentados, pouco pensados, são vividos. E a sua expressão, depois, é já a de outro momento adiante construído, cujo fio de ligação a memória reconfigurou e adulterou.

Foi de maneira apaixonada que estas e estes jovens falaram, é de maneira apaixonada que procuramos escrever¹. Despreocupamo-nos por entre as expressões garridas que nos obrigam a paragens-pensamento sobre as disposições, sobre os tempos de promoção do animo, sobre aquele motivo errante que nos faz aderir às coisas, às convicções, mais do que às convenções.

¹ Agradeço ao Cláudio, à Inês, à Irene, à Rita e ao Simão, jovens da Associação de Estudantes (2001/2002) da Escola Secundária Filipa de Vilhena (Porto), os momentos de conversa que me possibilitaram pensar sobre o avesso de algumas coisas.

Quem começou quase que não interessa, embora a história, segundo dizem, “seja gira”. E é escusado ir em busca do elemento gerador. Pouco importa. No início não sabiam bem o que queriam fazer. As vontades existiam na sua invenção difusa mas sentida.

«...nós viemos para aqui uns inocentes. Quando viemos para a associação não percebíamos nada de leis, não percebíamos nada disso.

(Inês)

Existia a *ideia*, um quase projecto alicerçado no desejo de criar, de participar noutros ofícios da cidadania, de uma cidadania para que a Escola quer preparar, mas que não vive. Queriam fazer coisas diferentes, inovadoras, usar outros argumentos, fazer «exactamente o contrário das outras associações (Inês), «humanizar mais a Escola», «fazer coisas bem feitas » (Simão):

«Eu acho que é uma coisa que está dentro de nós. (...)nos projectos, e por a Escola a mexer, e por a Escola toda a colaborar....» (Rita); «Acho que é a vontade de agir. Acho que todos nós tínhamos vontade de mexer, de fazer alguma coisa» (Cláudio); «Gostamos de nos envolver com pessoas, gostamos de interagir com pessoas. É isso, estar com as pessoas, fazermos juntos...» (Cláudio); «Não estar só na Escola para ir às aulas e sair das aulas e ir para os testes» (Rita)

É arriscado falar numa verdadeira «unanimidade de paixões» (Estanque, 1999: 1), porque existem vontades subjectivas, interesses diversos. Talvez os vínculos se vão prendendo uns aos outros de maneira quase despreocupada, talvez exista aquilo que David Hume, no século XVIII, em *A Dissertation on the Passions*, designava como um fundo apaixonado que leva a agir (David Hume citado por Heleno, 2002: 95).

Existe um impulso prévio, determinado na anterioridade de experiências e práticas que possuindo um significado simbólico definem a adesão (Estanque, 1999: 5), mostrando que a participação nesta associação existe também a partir de uma adesão, de uma lembrança passada marcada por um vivido comum (Neumen, 1986: 259).

«Acabamos por ser todos parecidos, por ter gostos semelhantes, por todos gostar de política, por todos nos empenharmos, ...todos gostamos...temos interesses comuns, culturais, música (...) Há interesse comuns entre nós» «Portanto, nós juntámo-nos. A maior parte é filhos de professores» (Cláudio).

Este é um exemplo de uma associação com características particulares, onde os mundos, «possíveis instantes de um tempo ramificado» (Robert Martin citado por Fonseca, 1992: 196) são agradáveis, esperados. Existem coisas que já se aprenderam, palavras familiares que permitem outras entradas. O investimento e as apropriações

das suas convicções e interesses parecem ter sido fruto de conquistas e de exercícios de vontades expressas. E a cidadania parece mais possível...

«Esta associação de estudantes, para o bem e para o mal, vem de um meio sócio cultural elevado. Quer dizer, nós tivemos muita sorte com a educação que tivemos...» (Irene) «A chave fundamental desta associação é criatividade. Nós ganhamos pontos por pequenas estrategiazinhas.» (Inês); «a associação já faz um bocado o culto já em casa. Os livros que leu, o tipo de educação que tivemos, que a maior parte do pessoal teve uma educação liberal. É este passado comum que também possibilita a adesão. Somos uma associação, em termos de historial mais ou menos parecida, em termos culturais parecidos. Temos mais ou menos os mesmos objectivos, embora haja duas ou três pessoas com ideologias diferentes...» (Inês).

Apesar de existir um «denominador comum» (Cláudio), cada um e cada uma faz parte da associação de maneira distinta, mas fazendo de si mesmo a possibilidade do grupo. O associativismo tem talvez esta particularidade de conciliar valor colectivo e individual, permitindo a construção das identidades «por auto-diferenciação referenciada ao grupo que é a entidade que assegura a possibilidade de reconhecimento social e da autonomia que lhe é correlativa» (Matos, 1998: 5). A identidade de cada um e de cada uma parece ter-se reconfigurado no período deste ano lectivo onde se conheceram e reconheceram noutra experiência, alicerçada nas histórias pessoais, disposta na história colectiva e na História.

Os papéis vão sendo reconhecidos entre a liderança, a criatividade, a invenção. Cada papel é um lugar no movimento e no envolvimento de graus diferentes. A partir dele é que a participação investida cooperada se torna visível.

«Se nós não tivéssemos esse companheirismo, nós não tínhamos conseguido fazer metade das coisas que fizemos. Tínhamos que estar sempre a recuar. E eu acho que é aí que muitas associações falham» (Inês)

As iniciativas mostram o sentido da justiça, a disponibilidade para a agir, a projecção, o espaço de palavra. E isso é visível pela maneira como se mostram e constróem na sua própria linguagem (Dubar, 2000: 224), como mostram os *objectos coleccionados* de um percurso que se sabe de cor, desde a conotação de “elite comunista” até ao reconhecimento conquistado. Uma memória comum parecendo sempre incompleta no desfilar das palavras de cada um e de cada uma.

A dimensão da implicação nestes e nestas jovens situa-se, talvez, no acreditar nas coisas, nas possibilidades de mundos. Acredita-se e persegue-se a crença, mas principalmente transformam-se para participarem. E é por aqui que a identidade

colectiva se vai constituindo, na comunidade de interesses, no processo de «construção de comunidades» que é o associativismo (Matos, 1998: 1).

A associação aparece como a oportunidade do vínculo, de «engagement» (Dubar, 2000), de estruturação de representações identitárias (Estanque, 1999), que corporiza num Nós, efeito de uma memória colectiva comum e que é «a própria condição de intersubjectividade» (Fonseca, 1992: 27).

Forma da pessoa se projectar, mas principalmente de se identificar, existe qualquer coisa de predominantemente individual na pertença a uma associação. É um espaço de coesão social, mas também um espaço de coesão individual, embora a pertença obrigue a uma certa negação individual ainda que impossivelmente do indivíduo.

Talvez a associação, enquanto estratégia, passe pela “privatização” da identidade, mas existem ideais políticos e sociais embrionários subjacentes à acção. Pode ser um espaço de supressão ou de recriação individual. Qual o lugar da pessoa? Quando é que nos traímos? A identidade não pode ser oposta à participação social e ao exercício de papéis sociais (Touraine, 1986: 26).

Parece existir nesta associação um espaço para a diferença entre linguagens comuns expressas diferentemente. A liberdade individual é possível no associativismo? Não sabemos... O estar de forma livre é não abandonar a consciência de si fazendo parte de um Nós colectivo, em que a pessoa se redimensiona ou pensa sobre a sua dimensão.

Encontramos, talvez, uma narrativa de grupo composta de narrativas individuais. Cada um/a procurando o/a outro/a naquilo que é reconhecido/a, nos papéis diferenciados que não impedem a existência de uma identidade colectiva regeneradora, geradora, mas talvez diferenciadora.

A associação como forma de participar na *cidade* é um território de argumentação, de replicação e de investimento subjectivo, mas também da criação de intersubjectividades. O espaço da associação pode constituir-se como um espaço de afirmação identitária onde constam e se desarmonizam também as paixões e as aspirações. Afirmam-se práticas de luta: «*O reivindicar, o não me conformar com certas situações*» (Inês). Afirmam-se formas de estar na vida, uma certa ideia de dignidade existencial: «*Não deixar passar coisas que nos causam mal estar*» (Simão). O associativismo reenvia-nos para uma ideia de pertença à impossibilidade da abstenção num protesto e acção colectivos que vão conquistando legitimidade.

A experiência na associação pode existir enquanto espaço-tempo de saber informal, de promoção educativa e de consciência cívica, de consciência do significado social que podem ter as acções:

«A associação de estudantes tem que ser apartidária, mas tem que ter política. Eu acho que o trabalho da associação é um trabalho político. (...) A associação é uma coisa política, nós temos que tomar posições políticas. Todas as atitudes que nós temos têm a ver com política, têm a ver com ideologia, tem a ver com a forma como nós pensamos.» (Irene)

Através da participação na associação a Escola pertence mais. Os espaços ganham outra familiaridade, outras consistências, porque a acção também se estrutura espacialmente, se territorializa, porque instâncias relacionais se tornam ritos, rituais, ganham sentido num espaço-tempo comum. É o trabalho de grupo que instaura a intensidade da existência e do ser, conferindo um prazer de estarem juntos (Lenoir, 1999: 26).

Espaço de aprender outras coisas, a associação acaba por ser um «espaço de aprendizagem diferente das aulas» (Irene), mas que acaba por beneficiar o tempo da Escola formal:

«Eu no meu caso, acho que foi a associação que fez com que eu começasse a gostar da Escola» (Irene).

A experiência destes e destas jovens assumiu contornos que se alargaram à comunidade envolvente, criando redes de sociabilidades onde se percebe, no degrau a seguir já embrionário, o sentido da justiça e dos espaços de abertura para o investimento social. Procuraram o reconhecimento e a autorização da comunidade envolvente na participação fora da Escola, mostrando-nos que a associação pode ser um espaço de criação de contra-poderes, espontaneamente mas com autenticidade:

«Eu para mim a coisa que me deu mais crédito nesta associação, nem foi se quer a projecção só de dentro da Escola, foi para fora, porque esta associação alargou-se à comunidade» (Inês)

Os constrangimentos chegam a meio do ano, porque o Ensino Superior demarca outras exigências a cumprir, com precisão. E a participação na associação fica para depois, talvez para mais tarde, «porque uma pessoa tem que começar a pensar no seu próprio futuro» (Simão). Além disso, existe a «entidade chamada pais que também pressiona bastante» (Cláudio).

Atrapalha pertencer a uma associação:

«É muito tempo» (Irene) «Ou uma pessoa gosta e sente-se recompensado ou então deixa de aparecer e não tem pachorra para isto, porque às vezes vimos para aqui, tínhamos reunião quarta-feira às seis e meia e ficávamos aqui até às dez. Quer dizer, não muito fácil...» (Irene)

«Quando se gosta realmente da associação...» (Inês) e «se acha útil. Se acha que é útil (...) um trabalho que vale a pena, ou então vir por vir

também não motiva muito. Eu acho que isso também tem a ver com as motivações que nos fizeram estar na associação (Irene).

É isto que sustenta a associação!

Existe, para eles e elas, uma legitimidade conquistada porque se reconhece o seu trabalho entre colegas e professores/as. Sentem que se pode fazer a diferença, que se pode «preencher esse espaço que falta» (Irene). Sentem-se valorizados, autorizados, próximos, deram-lhes a palavra:

«Acho que foi também, eles começaram a ver que nós estávamos a trabalhar e deram-nos crédito por isso» (Simão). «Eles também nos levaram a sério, porque nós mostramos um projecto palpável, mostramos aquilo que realmente queremos fazer e que apoio...E nunca hostilizamos o apoio do conselho executivo. Portanto, nunca vimos o Conselho Executivo, os maus que não nos vão deixar fazer nada. Muito pelo contrário. Vimos no Conselho Executivo, um parceiro fundamental para que as coisas corressem bem e portanto a partir daí criou-se uma relação porreira... (Irene) «Nós fizemos questão de manter uma boa relação com o Conselho executivo» (Irene)

Existem outras vidas fora dali, outras amizades, mas «depois chegamos aqui à sala e já somos nós outra vez» (Inês). E num instante qualquer do tempo a associação, podendo constituir-se como «nicho identitário», torna-se nomes e pessoas significativas que se completam em redes afectivas.

«Este ano a associação é um grupo de alunos da Escola» (Simão)

«Eu não consigo ver a associação como os projectos que fizemos. Para mim a associação foi mais...A primeira coisa que eu penso quando se fala em associação penso na Inês, penso na Rita, penso no Cláudio, penso no Simão, penso num grupo de pessoas que criou uma dinâmica de trabalho...» (Irene)

O espaço de uma associação de estudantes pode ser significativo quando no seu interior se explicitam as contradições (Matos, 1998: 5) ou as imperfeições contraditórias que interrompem a engrenagem reprodutora do sistema. Parece ser um espaço de transformação das pessoas que a compõem, das pessoas umas para as outras. Pressentimos que estes e estas jovens já reflectiram sobre isso, sobre as metamorfoses do si próprio nas idas e vindas do tempo. Percebemos talvez isso quando nos dizem que aprenderam a trabalhar em grupo, porque o confronto com outras opiniões obriga a cedências:

«Levar um bocado para trás acho que me fez muito bem. E acho que agora estou muito mais aberta a críticas a opiniões diferentes...» (Irene)

A passagem por uma associação pode ser reduzida, mas que importa?! Mudanças? Dizem que sim. O sucesso ou insucesso como se pode aferir? Criador de

memórias parece-nos ser esse o tempo da associação. O valor reside nesse imaginário comunitário nascido da interação. E os seus discursos, a força das suas palavras contêm simbolicamente os momentos de identificação, a recriação do desejo de futuras intervenções.

O que é que faz acrescentar? Esta experiência é composta por intensidades sociais, por um tempo de descoberta, de experimentação de um si-próprio numa outra instância que implica a presença fragmentada. Existe a consciência de que se faz algo de diferente, de que se participa na Escola de uma outra instância, porque da associação outras realidades se avistam. Reconhece-se que as relações se entretecem de uma outra maneira, visível na maneira como são abordados/as nos corredores, nos espaços informais onde a Escola é diferente, onde os objectos se dispõem de uma outra forma discordante: «criam-se uns laços que não é normal. Não me vêem só como aluna, mas alguém que contribuiu para a Escola» (Inês). Pressente-se que qualquer coisa se transformou e as figuras se animam de outra maneira, com outras afinidades.

Pareceu-me estar perante uma associação tribo em metamorfose, porque só a alteração, sem deixarmos de ser nós próprios (Ardoino, 1969: 56), possibilita a pertença e a distinção. Surpreendemos nesta associação um «lugar de espalhar ideias»², mas também de as criar numa alquimia da evocação que não escusa o conflito. Alguém me diz: «Neste momento o meu instrumento é a Escola...» (Inês). Não sei o que devo pensar sobre isto...Não sei...

Peço duas palavras: cumplicidade e trabalho; comunidade, descobrimento, navegar, puzzle. Não sei por onde começar. O logotipo é um puzzle, vou percebendo a intenção...

Referências Bibliográficas

ARDOINO, J. (1969) *Propos Actuels sur l'Éducation*. Paris: Gauthier-Villars.

BARROSO, João (s/d) Relatório da disciplina “Teoria das Organizações e da Administração Educacional”. FPCEU-UL.

BOLTANSKY, Luc; CHIPELLO, Ève (1999) *Le Nouvelle Esprit du Capitalism*. Paris: PUF.

CORREIA, José Alberto Correia (1999) As ideologias educativas em Portugal nos últimos 25 anos. In: *Revista Portuguesa de Educação*, 12(1), 81-110.

² Natércia Pacheco sobre os Grémios (aula de mestrado).

- CHARLOT, Bernard (1997) Vers une mutation de la forme du système éducatifs. In: Cardi, François; Chambon, André (coord.) *Métamorphoses de la Formation. Alternance, Partenariat, Développement Local*. Paris, Montréal; l'Harmattan, pp. 207-231.
- CORREIA, José Alberto (2001) Democracia, associativismo e cidadania: uma perspectiva para um debate. In: *ICE-Infor*, 28, 4-5.
- DEROUET, Jean-Louis ; DUQUERCQ, Yves (1997) *L'Etablissement Scolaire, Autonomie Locale et Service Public*. ESF Éditeur, INRP.
- DESROSIÈRES, Alain (2000) *La Politique des Grands Nombres*. Paris: Éditions La Découverte & Syros.
- DUBAR, Claude (2000) *La Crise des Identités*. Paris : PUF.
- ESTANQUE, Elísio (1999) Acção colectiva, comunidade e movimentos sociais: para um estudo dos movimentos de protesto público. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 55, 85-111 (texto cópiado com 21 páginas).
- FONSECA, Irene (1992) *Deixis, Tempo e Narração*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.
- GORDON, Tuula; HOLLAND, Janet; LAHELMA, Elina (2000) From pupil to citizen. In: ARNOT, Madeleine; DILLABOUGH, JO-Anne (Ed.), *Challenging Democracy*. London, New York: Routledge, Falmer.
- HABERMAS, Jurgen (1984) *Sociologie & Théorie du Langage*. Paris: Armand Colin.
- HAGUETTE, Teresa Maria F. (s/d) Metodologias Qualitativas em Sociologia. Petrópolis: Editora Vozes. Pesquisa na internet em <file:///untitled/etnografia.htm>
- HELENO, José Manuel (2002) *A Experiência Sensível*. Lisboa: Fim de Século.
- LAPASSADE, Georges (1999) Construction culturelle et étiquetage scolaire. In: Patrick Boumard (Dir.), *L'École, les Jeunes, la Déviance*. Paris: Puf.
- LATOURE, Bruno (s/d) Guerre des mondes - offres de paix. Texto cópiado.
- LENOIR, René (1999) Se regrouper pour mieux agir. In: *Le Monde Diplomatique*, 26. Pesquisa na Internet em <http://www.monde-diplomatique.fr/1999/01/LENOIR/11507.html>.
- MARCOS; Maria Lucília (2001) *Sujeito e Comunicação*. Porto: Campo das Letras.
- MATOS, Manuel Santos e (1998a) Desenvolvimento e cidadania: intervenção associativa e acção comunitária. *Comunicação apresentada ao Encontro Europeu de Desenvolvimento Educativo Local Local/Manifesta 98*. 5 páginas.
- NEUMAN, Jean-Pierre (1986) Association et identité collective. In: TAP, Pierre (dir.) *Identités Collectives et Changements Sociaux*. Toulouse: Éditions Privat, pp. 259-262.
- TOURAINÉ, Alain (1986) Les deux faces de l'identité. In: TAP, Pierre (dir.) *Identités Collectives et Changements Sociaux*. Toulouse: Éditions Privat, pp. 19-26.